



COMPLEXUS

• ENGENHARIA • ARQUITETURA • DESIGN

**Ano
01**

**n.
01**

p.

130-147

Carlos Murilo Prado SANTOS

TERRITÓRIOS CRIADOS E
IMAGINADOS: O TURISMO E A
PRESERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO CULTURAL DE
SÃO LUIZ DO PARAITINGA/SP

Instituto de Engenharia Arquitetura e Design –
INSEAD

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio
CEUNSP – Salto-SP

TERRITÓRIOS CRIADOS E IMAGINADOS: O TURISMO E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA/SP

SANTOS, Carlos Murilo Prado - Geógrafo – Professor do Departamento de Ciências Sociais e Letras (DCSL) – Curso de Geografia – Universidade de Taubaté (UNITAU). Coordenador do setor de urbanismo e planejamento urbano do Inventário do Patrimônio Histórico Arquetônico do Vale do Paraíba (IPHA) realizado pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV). E-mail: muriloslp@yahoo.com.br

RESUMO - Com a valorização estética dos espaços das cidades, as mesmas vêm sofrendo grandes alterações em seus espaços de sociabilidade, dificultando a afirmação de alguns símbolos e signos construídos cotidianamente no lugar. Analisando o processo de refuncionalização territorial e a preservação do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga, cidade localizada no Vale do Paraíba do Sul, trabalhamos com a organização do território por um viés cultural, sua dimensão simbólica atrelada ao dado material, tendo como foco central, o desenvolvimento do turismo.

PALAVRAS-CHAVES - Vale do Paraíba do Sul, Geografia, Patrimônio Cultural, Turismo e Refuncionalização territorial

Os estudos relacionados ao patrimônio cultural do Brasil ainda são recentes nas ciências geográficas, mas nos últimos anos, com a mudança de sentidos dos espaços das cidades advindos com a valorização do turismo e do entretenimento, onde o patrimônio cultural passou a ter um peso considerável no processo de organização territorial, este tema vem ganhando cada vez mais relevância. Mas qual seria a importância e a contribuição da Geografia para com esta temática? Como a Geografia pode contribuir no processo de uso e preservação do patrimônio cultural brasileiro?

Uma das possíveis contribuições da Geografia com relação ao desenvolvimento das políticas patrimoniais no Brasil está relacionada à organização

territorial, onde, ao trabalharmos com o binômio organização territorial e patrimônio cultural, iremos nos basear nas relações processuais-relacionais, ou seja, analisar a refuncionalização do território e sua dinâmica, pensando as superações (mudanças), as contradições (conflito de interesses e ações) e a processualidade histórica, nos dando a possibilidade de análises baseadas em dados materiais e imateriais contidos na paisagem, procurando com isso, superar a dicotomia existente entre Materialismo e Idealismo.

Desse modo, ao analisarmos as políticas e ações destinadas ao desenvolvimento turístico de São Luiz do Paraitinga/SP desde a sua transformação em Estância Turística do Estado de São Paulo em 2002 (Prado-Santos, 2006, 2007, 2008 e 2009) podemos apontar que o processo de refuncionalização territorial das cidades para o desenvolvimento do turismo vem gerando alterações no sentido e na forma do patrimônio cultural das mesmas, tendo como possíveis conseqüências, a perda de identificação da população para com estes novos espaços criados.

Por meio de um processo de resignificação e transformações simbólicas, tanto do ponto de vista material, quanto imaterial, estes bens são como que recriados culturalmente. Portanto, pensando que a base de sustentação da atividade turística nestas áreas é a preservação de antigas territorialidades, no caso da Vale do Paraíba do Sul, associadas à memória da cafeicultura e ao caipira, como trabalhar com o binômio *“preservação X refuncionalização do território”* para o uso turístico em áreas com um rico e complexo patrimônio cultural?

Vale destacar que, ao trabalharmos com o patrimônio cultural das cidades, formas de grande valor simbólico, temos de pensar na percepção dos indivíduos que se relacionam e vivem estes espaços sacralizados com o rótulo do tombamento, já que normalmente, temos um processo de valorização subjetiva do território. Assim, para o desenvolvimento destes apontamentos, tomaremos como ponto de partida, o levantamento da evolução urbana do Vale do Paraíba do Sul Paulista para entendermos o contexto onde emergiu todo este patrimônio cultural.

Se tratando de umas das áreas mais antigas de ocupação do Estado de São Paulo, o Vale do Paraíba do Sul teve seu processo de ocupação iniciado em finais do século XVI. Estando em uma localização geográfica privilegiada, entre as dois

maiores centros urbanos e demográficos do Brasil, os municípios de São Paulo e do Rio de Janeiro, a região passou por sucessivos períodos econômicos que se materializaram no processo de organização do território regional, sendo de grande destaque, a economia do café, momento em que região passou por um intenso processo de desenvolvimento socioeconômico, urbano e cultural que marcou profundamente a organização espacial regional, deixando como herança uma paisagem que hoje perfaz o patrimônio cultural de suas cidades, destacando as manifestações populares e o conjunto arquitetônico dos séculos XVII e XVIII e XIX. Isso posto, podemos apontar a existência de uma “Região Cultural” (Correa, 2008), uma área caracterizada por traços culturais específicos e peculiares, combinando um conjunto de materialidades e imaterialidades que irão caracterizar suas paisagens, se tratando de uma região que tem sua formação paisagística amparada na memória da cafeicultura (patrimônio arquitetônico) e a memória do caipira (práticas e atividades cotidianas).

Atualmente, no intuito de dinamizar e desenvolver a economia das cidades pequenas da região, áreas com pequeno crescimento e expansão urbana, estas cidades vêm tentando desenvolver o turismo, o que por sua vez, vem gerando um processo de revitalização e reforma de seus centros urbanos, mudanças que acabam repercutindo nas manifestações culturais locais, ou seja, no patrimônio cultural. Cidades como São Luiz do Paraitinga, São José do Barreiro, Bananal, Santa Branca e Lagoinha, dentre outras, vem passando por intensas reformas em seus centros urbanos, tendo como objetivo, o desenvolvimento turístico, um processo de “urbanização turística” (Paes-Luchiari, 2000) que vem alterando a forma destas cidades, o que vem gerando transformações nas práticas culturais, o grande atrativo turístico da região, neste caso, a memória da cafeicultura e da cultura do caipira. Desse modo, vale destacar as transformações que vem sendo efetuadas no espaço urbano de São Luiz do Paraitinga, cidade que desde 2002, após a sua transformação em Estância Turística¹ do Estado de São Paulo, vem passando por

¹ Em julho de 2002 a cidade foi classificada como Estância Turística do Estado de São Paulo, passando a receber uma verba anual de aproximadamente R\$ 679.000,00 (US\$ 303.125,00) oriunda do Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias (DADE), órgão ligado a Secretaria da

um processo mais intenso de refuncionalização territorial em função do turismo, se tratando do foco central nesta contribuição.

Situada no Alto Vale do Paraíba do Sul, entre as cidades de Taubaté e Ubatuba, São Luiz do Paraitinga teve sua fundação oficial em 1769, apesar de sua área ter sido fracamente ocupada um século antes. Com o início da produção cafeeira em meados do século XIX, seus benefícios econômicos fizeram com que o núcleo urbano tornasse maior, transformando-se em um importante centro urbano regional (Petrone, 1959). Após um período de intenso desenvolvimento sócio-econômico nos séculos XIX e início do século XX com a economia do café, o município passou por pequenos surtos econômicos, como a extração de lenha na década de 1960 e a produção de leite nas décadas de 1970 e 1980, quando então a economia da cidade entrou em decadência, perdurando até os dias atuais (Dean, 1997). Com uma economia inexpressiva caracterizada por uma pequena produção agropecuária, restou em São Luiz do Paraitinga uma grande riqueza cultural e um expressivo conjunto arquitetônico composto por casas térreas e sobradões dos séculos XIX e início do XX, representativos da fase áurea do café na economia paulista, patrimônio tombado em 1982 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT)².

Com as mudanças sociais advindas da evolução tecnológica e a conseqüente valorização do turismo e do entretenimento, São Luiz do Paraitinga vem trabalhando para desenvolver tais atividades apoiada na memória da cafeicultura, expressa em seu patrimônio cultural, em especial, arquitetônico, sendo o patrimônio tombado e as

Cultura do Estado de São Paulo. Assim, deu-se início a um intenso processo de requalificação dos equipamentos urbanos do município, principalmente os existentes no centro histórico. Com os recursos obtidos a cidade foi transformada em um canteiro de obras; inicialmente foram realizadas, a reforma da Praça Oswaldo Cruz (projeto aprovado pelo Condephaat – Processo nº. 43.352/02 – em 18 de agosto de 2003. Verba de R\$ 349.664,05 [US\$156.100,02]), a reforma do Mercado Municipal (projeto aprovado pelo Condephaat – Processo nº. 44.395/02 – em 15 de setembro de 2003. Verba de R\$ 330.000,00 [US\$147.321,42]) e a reforma do calçamento das ruas do centro histórico e de seu entorno. Este processo de intervenção se encontra em aberto com a realização de mais obras de requalificação paisagística no centro histórico (Prado Santos, 2006).

² O processo de tombamento foi iniciado em 1969 e concluído com a Resolução 55 de 13 de maio de 1982, inscrevendo a cidade no Livro do Tombo do Estado de São Paulo (Governo do Estado de São Paulo, 1982).

manifestações culturais, o grande atrativo para o desenvolvimento do turismo na cidade³.

Neste processo de transformação espacial, podemos afirmar que antigas territorialidades vêm sendo destruídas e novas territorialidades vêm se formando, repercutindo de forma incisiva no patrimônio cultural regional, já que as referenciais territoriais estão sendo transformadas, desencadeando em perda das identidades territoriais destas populações. Mas o que podemos classificar como patrimônio cultural de uma cidade?

Ao escrevermos e pesquisarmos o patrimônio cultural brasileiro⁴, logo de início somos levados a alguns questionamentos que a temática nos coloca. Como classificar um patrimônio cultural dentro dos espaços das cidades modernas, sendo que, o que é visto e tratado como patrimônio cultural, são as práticas e interações sócio-espaciais cotidianas. Esta questão se torna mais complexa, pois, com a valorização estética dos espaços das cidades (Harvey, 2006), e a sua rápida transformação em produtos voltados ao entretenimento, na qual as formas espaciais, materiais e imateriais, passaram a ser espetacularizadas, o que classificar e como classificar o que será um patrimônio cultural de uma cidade, já que estas formas passam a ser envolvidas em um novo repertório de relações e interações?

Visto que atualmente o que vem sendo classificado como patrimônio cultural no Brasil são as práticas e as interações sócio-espaciais cotidianas, “(...) *definimos o termo cultura em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores, suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações*” (Burke, 2003, pp. 16-17). Mas como pensar o patrimônio cultural por um viés geográfico?

³ É importante destacar que nesta pesquisa o turismo é visto como uma boa opção para impulsionar e dinamizar o desenvolvimento local, embora não deva ser visto como a única solução.

⁴ O patrimônio cultural imaterial brasileiro, segundo a legislação brasileira (Decreto nº 3.551, de 4 de agosto) é compreendido como, “(...) os saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam” (Fonseca e Cavalcanti, p. 12, 2008). Com a evolução da política patrimonial no Brasil, em 2006 o Iphan incorpora o caráter processual na definição de patrimônio imaterial, complementando com a Resolução nº 1, de 3 de agosto de 2006, “as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social” (Fonseca e Cavalcanti, p.12, 2008).

Apesar de o patrimônio cultural apresentar uma gama considerável de formas imateriais e significações simbólicas, as mesmas estão associadas às formas materiais e aos espaços de vida dos Homens. Desse modo, podemos apontar que a cultura tem sua significação, a sua definição, com base no jogo de relações sociais, relações estas, que estão sempre espacializadas, amparadas e baseadas em um território, o que irá atribuir características peculiares ao lugar, com seu sistema de objetos específicos. *“Interpretando desta maneira, o patrimônio não é só a expressão da sociedade, ele movimenta, aviva, põe em evidência as passagens, as vias de acesso entre o material e o simbólico, entre o sujeito e o seu meio, entre uma razão prática e uma razão simbólica. O patrimônio cultural torna-se um fato social”* (Paes, p. 163, 2009). Dessa forma, ao pensarmos o patrimônio cultural em suas interações com o território, o consideramos uma expressão espacial, que por meio de suas territorialidades, nos dará origem a uma paisagem.

Visto que a territorialidade são atributos do território, temos uma unidade de análise, até certo ponto, flexível, onde temos de pensar a organização territorial em seu processo de mudança e evolução. Ao analisarmos o território enquanto uma construção social, o que nos interessa é seu uso, o que nos possibilita afirmar que ele é mutável. A territorialidade é movimento (Haesbaert, 2006). Vale enfatizar que as mudanças nas territorialidades perfazem a sua dinâmica de evolução natural, porém nestas cidades, as mudanças vem sendo induzidas por vetores externos ao lugar, geralmente, pautada exclusivamente em interesses econômicos imediatos.

Assim, pensar a relação patrimônio cultural e território por um viés geográfico, dentro de uma proposta de análise crítica, não podemos pensar o território somente do ponto de vista material (estrutura territorial) ou imaterial (símbolos e relações sociais e de poder), mas sim como um produto e ao mesmo tempo uma condição social. Conforme aponta Saquet (2009), temos que partir para uma análise onde *“(...) o território significa articulações sociais, conflitos, cooperações, concorrências e coesões; é produto de tramas que envolvem as construções (formas espaciais), as instituições, as redes multiescalares, as relações sociais e a natureza exterior ao Homem; é o objetivo-material e o subjetivo-imaterial ao mesmo tempo”* (p. 88).

Desse modo, por meio da territorialização do patrimônio cultural, pretendemos analisar quais as interações sócio-espaciais existentes no processo de construção e desconstrução das formas culturais em áreas destinadas ao turismo, o que nos dá a possibilidade de pensar o processo de reorganização territorial por um viés simbólico e social, ou seja, por sua dimensão cultural, segundo Haesbaert (2006), a base de sustentação das territorialidades.

Com base nas colocações de Paes (2009) e Haesbaert (2006), podemos apontar que as territorialidades são construídas no processo de evolução socioespacial, onde alguns agentes que perfazem esta dinâmica, ou seja, as práticas sociais, o mercado turístico, as estratégias e discursos políticos, a valorização e a institucionalização patrimonial ganham destaque nas políticas direcionadas aos novos usos que serão dados aos territórios destes lugares. A ação destes agentes acaba desencadeando em alterações na paisagem, que, ao ser direcionado para o uso turístico, apresenta alterações nas práticas socioespaciais.

Com as mudanças nas formas culturais, o atrativo turístico se perde no tempo e no espaço, e o patrimônio cultural passa a ser tratado como um objeto, com eventuais perdas de identidades territoriais em função do consumo cultural e da valorização estética e mercadológica dos espaços das cidades. Neste sentido, pensando a organização territorial por um viés simbólico, a Geografia tem muito a contribuir com o desenvolvimento das políticas patrimoniais no Brasil, podendo auxiliar no processo de planejamento e gestão dos espaços das cidades que possuem patrimônios, na medida em que a preservação do patrimônio cultural, antes de qualquer processo de revitalização, perpassa pelo pleno desenvolvimento do planejamento territorial.

Ao estudar o patrimônio arquitetônico de São Luiz do Paraitinga/SP (Prado-Santos, 2006, 2007, 2008 e 2009), podemos afirmar que o simbólico tem uma relação recíproca com o território do lugar, ambos amparados na memória da cafeicultura, materializado nos edifícios tombados e na organização espacial da cidade, mas também nas manifestações artísticas, práticas e costumes locais, hoje em processo de espetacularização e transformação devido às novas tendências que predominam na cidade com vistas ao desenvolvimento turístico.

Com a transformação da cidade em Estância Turística, visando atrair um maior número de turistas, foram iniciadas uma série de intervenções urbanas na cidade, em áreas que sustentavam ricas práticas de sociabilidades locais como a Praça Oswaldo Cruz (FOTOS – 5 a 7) e o Mercado Municipal (FOTOS – 1 a 4), sem levar em conta que estas áreas terão suas funções e seus usos cotidianos alterados, podendo desencadear um resultado inverso do esperado pelo poder público, ou seja, o desmantelamento de grande parte da expressão cultural local que, baseada em práticas cotidianas tradicionais expressavam um modo de vida que funcionava também como um atrativo turístico do lugar. Sua vida simples e pacata, as rodinhas de contadores de causos, o pouco movimento de automóveis e transeuntes, são tão atrativos ao turista dos grandes centros urbanos quanto uma procissão religiosa, mas são tradições locais negligenciadas pelo poder público local.

Fotos 1 e 2 – Fachada externa e pátio interno do Mercado Municipal em 2001



FONTE: Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga

Fotos 3 e 4 – Fachada externa da entrada principal com a antiga porta reaberta após a finalização da reforma em 2005. Pátio interno revitalizado.



FONTE: Melissa Ramos da Silva Oliveira

A ida ao Mercado aos sábados pela manhã sempre foi uma tradição na cidade, se tratando de um dia especial para os habitantes da zona rural que para lá se dirigem no intuito de vender sua pequena produção e, ao mesmo tempo, comprar alguns produtos industrializados como cigarros, açúcar refinado, sal, dentre outros. Para os habitantes da zona rural é um dia muito importante, pois é o dia para se contar e ouvir causos, apostar nos jogos de azar, jogando a famosa *cachetinha*⁵, tomar pinga em companhia dos famosos pastéis de farinha de milho e ouvir uma boa moda de viola. Grande parte dos hábitos que se desenvolviam no lugar, devido ao fechamento por aproximadamente 2 anos para a reforma, foi perdida ou deslocada para outro local, pois com a nova organização interna do Mercado os habitantes mais simples diminuíram sua freqüência ao mesmo. Muitos comerciantes tiveram grandes quedas em seus rendimentos, com o fechamento de comércios tradicionais da área interna do Mercado, que atualmente encontra-se dominado por lojas de roupas e armarinhos em geral e não mais pelos antigos botequins.

A reforma da Praça Oswaldo Cruz também gerou alterações na forma urbana local. A reforma alterou totalmente a sua forma interna e externa da praça. Todas as árvores foram retiradas e seu traçado foi redesenhado. A paisagem, após a retirada

⁵ Jogo de cartas semelhante ao pôquer.

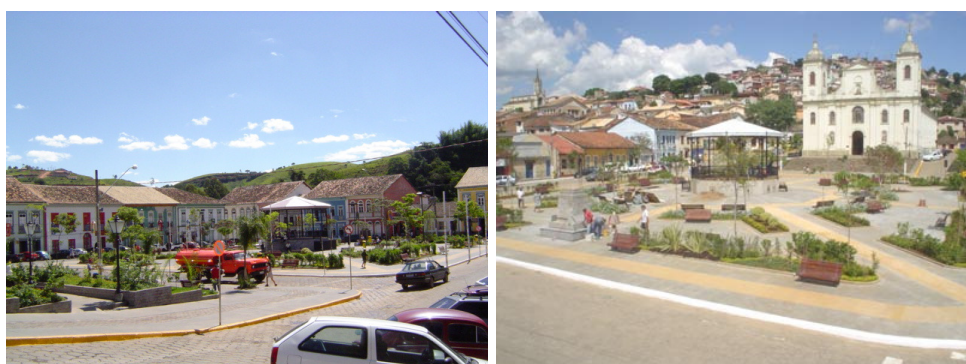
da vegetação, sofreu uma brusca transformação, pois as grandes e frondosas árvores foram substituídas por pequenos arbustos. O traçado da rua 31 de Março, da Praça Oswaldo Cruz e do Largo da Matriz foram alterados com as reformas realizadas no Centro Histórico, mudando o percurso realizado pelas procissões e pelos blocos carnavalescos, além de alterar o fluxo do trânsito com a interdição de um dos lados da praça Oswaldo Cruz que foi transformada em um calçadão, agora com as mesas dos bares.

Foto 5 – Praça Oswaldo Cruz antes da reforma iniciada em 2004.



FONTE: Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga

Fotos 6 e 7 – Praça Oswaldo Cruz após a conclusão das reformas em meados de 2005.



FONTE: Melissa Ramos da Silva Oliveira

Foi muito comum nos domingos de manhã, os moradores locais levarem suas gaiolas com suas respectivas aves para tomar sol e cantar sob as sombras das

árvores da praça. Formavam uma bela sinfonia, geralmente controlada pelo sino da Matriz, que por sua vez, anuncia a hora do almoço, uma tradição que ainda é preservada na cidade. As árvores não existem mais, são arbustos; os pássaros estão sumindo; as procissões centenárias estão redesenhando seu caminho; o fluxo do trânsito foi alterado; o Carnaval passa por adaptações em suas manifestações, enfim, temos uma série de alterações que já vem ocorrendo no cotidiano em função destas reformas, além de outras que podem vir a acontecer com o passar do tempo. Onde serão realizados os encontros e passeios que cotidianamente se davam sob as sombras da praça? As mudanças nos trajetos e caminhos construídos em séculos não poderão acentuar uma série de mudanças nas manifestações sócio-espaciais que se dão no cotidiano local?

Não podemos ser deterministas e afirmar que as alterações nas formas das cidades *per se* irão alterar totalmente as manifestações culturais cotidianas locais, mas já temos indícios de que as mudanças ocorrerão, pois as práticas sociais condicionam e são condicionadas pelas formas da cidade, aqui trabalhadas enquanto *formas-conteúdo* da cidade (Santos, 2002). A cidade se tornou um lugar de consumo e ao mesmo tempo consumível e seu *valor de uso* vem sendo substituído por seu *valor de troca* (Harvey, 1998).

Com as tendências contemporâneas de valorização das imagens das cidades, pautadas nas estratégias do planejamento, tanto por parte do Estado quanto dos empreendimentos privados, vemos que o patrimônio das cidades ganhou destaque, e, ao menos no discurso e na retórica, passou a ser defendido como um importante referencial da história de uma cidade, da memória do lugar e também como um importante recurso econômico voltado às atividades da indústria cultural. Entretanto temos que ficar atentos sobre como vêm se dando a construção deste patrimônio, já que, por ter uma esfera simbólica reconstruída, até mesmo recriada, estes símbolos podem não representar a realidade, mascarando os conflitos e lutas travadas na construção cotidiana do lugar.

Marly Rodrigues (2000), em *Imagens do Passado*, destaca esta mudança no valor simbólico do patrimônio interferindo na organização territorial. Segundo a pesquisadora, o universo simbólico do patrimônio passou a ser revestido de um

caráter financeiro e mercadológico, com crescente influência na organização espacial das cidades. Ao trabalharmos o patrimônio cultural enquanto *formas-conteúdo* da cidade, podemos apontar que a organização do território por meio de sua refuncionalização (seja ela simbólica ou material) tem influência decisiva nas manifestações simbólicas que se dão no lugar, um espaço social e fisicamente construído. Segundo Anthony King (1994, p.435): “(..) *as mudanças na construção do espaço, na sua organização e no seu controle e representação na forma da construção e na forma urbana, é um fator importante na transformação das culturas (especialmente materiais)*”.

Lia Motta (2000), Antonio Augusto Arantes (1987), Carlos Fortuna (1997), Sharon Zukin (2000), Nestor Garcia Canclini (1994), dentre outros autores, levantam sérias objeções quanto a esta tendência de utilização e preservação patrimonial. Para os estudiosos, estas áreas passaram a ser carregadas de novos símbolos e significados, sendo enobrecidas e destituídas de suas funções dentro da dinâmica sócio-espacial do lugar, já que, (...) *através de acréscimos de significados e transformações simbólicas, esses bens são como que recriados culturalmente (...)*” (Arantes, 1987, p.52). Com este processo de recriação cultural sempre em aberto a definição do que será o patrimônio imaterial de uma cidade ganhou uma complexidade assustadora, colocando em discussão alguns conceitos de sustentação deste patrimônio como a tradição, a autenticidade, a memória, a identidade, agora todos enquadrados no rótulo patrimônio cultural.

Ao adquirir um novo valor simbólico capitalizado pelo mercado de consumo, o patrimônio passou a ser vulgarizado em sua dimensão simbólica como uma marca, uma grife (Motta, 2000, p.263). Assim, podemos apontar que o patrimônio cultural no Brasil vem sendo construído e preservado apenas do ponto de vista estético de apelo visual, sacralizado como um cenário, afastando-se do cotidiano do lugar. Com este processo de fetichização do patrimônio e a sua refuncionalização, são criados sítios de fantasias com o intuito de substituir a realidade, iniciando um processo de *disneyficação* (Zukin, 1996, p. 218) do lugar, a partir de então, um produto da indústria cultural.

Dentro desta tendência que vem predominando nas cidades turísticas, direcionando seus espaços para o recebimento de turistas, criam-se simulacros urbanos, cidades cenários, com um forte processo de “folclorização” (Peixoto, 2003) de determinadas práticas urbanas, numa refuncionalização territorial e de práticas tradicionais e cotidianas, onde, “(...) os centros históricos rehabilitados estão, em maior ou menor grau, a converter-se em palcos de sociabilidades espetacularizadas e de encenação da vida quotidiana, constituindo-se como uma espécie de nova realidade alegórica das cidades” (Peixoto, 2003, p. 222).

Como exemplo mais significativo desta prática de gestão e uso patrimonial no Brasil, podemos citar o processo de refuncionalização que vem se dando no Pelourinho de Salvador/BA baseados nos símbolos e práticas da comunidade de afro-descendentes, criando um novo símbolo de baianidade, tratando a Bahia como o Lugar da tradição, da identidade e da pureza dos costumes dos negros.

Nesse processo de reconstrução das imagens da cidade, por meio de intervenções, físicas e simbólicas, criou-se uma nova dinâmica simbólica no lugar enquanto fonte de referencia documental, identitária e memorial, estipulando que a essência cultural dos negros está no Pelourinho e vice-e-versa. Em um artigo contestando a refuncionalização do Pelourinho, Azevedo (1994, p137) escreve: “(...) são negros racistas e altivos que se afirmam ‘raça pura’. (...) porque diabos criou-se a imagem que o Pelourinho é um lugar de negros? Fez-se o Pelourinho para ser visto por finlandeses. O Pelourinho é visitado como um zôo”.

Conforme defendido por muitos estudiosos da questão, este processo, muitas vezes, desterritorializa a população local. Não adianta tentar preservar o que é delimitado pelo Estado ou pelos intelectuais e técnicos, enfim, pelas instâncias de poder, mas sim preservar o que realmente tem sentido enquanto memória *do* e *para* o lugar (Arantes, 1984). Procurando pautar-se na memória do lugar para a construção de projetos de preservação, temos que encarar a cidade como um bem cultural coletivo.

Por meio de intervenções materiais e imateriais, o poder público passa a ser um produtor de valores, forjando novas identidades no território de acordo com as aspirações do mercado consumidor. Nestes novos territórios criados

simbolicamente, os órgãos oficiais, através do planejamento urbano e da vigilância constroem novas territorialidades e destroem as antigas territorialidades das ruas. Em vez de organizar: *“(...) planejamento e policiamento, apagam limites e fronteiras que são custosamente construídas e incessantemente reconstruídas pelos habitantes da rua nas suas práticas cotidianas”* (Arantes, 1997, p. 266).

Ao ser direcionada ao consumo, os espaços das cidades passaram a ser valorizados esteticamente. Por meio de imagens, procura-se maquiar a realidade, escamoteando processos de exclusão social. A colocação do sociólogo Francisco de Oliveira (2002, p.21-27), a respeito da valorização e criação das imagens e símbolos das cidades por meio de trabalhos de revitalização do patrimônio, é interessante; para o pesquisador: *“(...) revitaliza-se a cidade, criando vazios embelezados. (...) esvazia-se a história de quem vive lá; em lugar da memória, o esquecimento (...)”*.

Ao alterarmos as territorialidades de uma cidade para o desenvolvimento do turismo, podemos apontar que os dados simbólicos atrelados ao território serão alterados, pois poderemos ter alterações no jogo de relações entre a sociedade e este território refuncionalizado, passando por uma perda de referências e identidades territoriais, onde o cidadão deixa de se conhecer enquanto pertencente a um lugar, pois *“(...) o que deve ser mantido, perde-se para sempre, o moderno impõe o efêmero”* (Carlos, 2007, p. 39).

Em função de atrair turistas, estas cidades vêm alterando seus referenciais espaço-temporais. As cidades passam a ser recheadas de simulacros urbanos compostos símbolos que fazem pouco sentido para a população deste lugar, com sensível perda de identidades, que, em função do desenvolvimento turístico, podem estar matando “a galinha dos ovos de ouro”, ou seja, o seu patrimônio cultural.

O estado de conservação do patrimônio arquitetônico e, conseqüentemente, do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga sempre foi precário. A cidade, mesmo após o tombamento do Condephaat em 1982, recebeu pouco auxílio técnico, com exceção da aprovação, ou não, de projetos de reformas realizadas pelos proprietários dos imóveis tombados na cidade. Com a transformação da cidade em Estância Turística em 2002, a situação se tornou mais complexa, pois o município passou a receber uma boa soma em dinheiro oriundos do DADE, o que por sua vez,

desencadeou num processo de reformas que vem descaracterizando de forma intensa o centro histórico local. Assim, vale um questionamento ao próprio órgão responsável pela preservação que, ao apreciar os certos projetos de intervenção, acabou aprovando inúmeras destas mudanças.

Abandono total do entorno do centro histórico e das demais áreas periféricas da cidade, também vem se tornando um problema de grande relevância na preservação do centro histórico local. A cidade vem passando por uma ocupação desenfreada do entorno do centro histórico desde a década de 1980, um processo que vem se dando em áreas de encostas suscetíveis aos desmoronamentos, além é claro, de gerar grandes alterações paisagísticas neste entorno⁶. Com o grande índice de chuvas da região, os problemas nas encostas são constantes, o que ficou muito acentuado com as enchentes de janeiro de 2010. O rio Paraitinga vem sendo cada vez mais fechado em seu leito e, nos períodos de maior intensidade de chuvas (verão no Hemisfério Sul), as enchentes estão ficando mais fortes e mais freqüentes, se tornando rotina atingir os imóveis do centro histórico.

É importante destacar que em janeiro de 2010, a cidade passou por uma grande enchente advinda com a cheia do rio Paraitinga, momento em que o centro histórico foi tomado pelas águas e ocorreram grandes perdas no patrimônio arquitetônico local, destacando a queda da Igreja Matriz e o desabamento de alguns casarões do centro histórico, estando os mesmos localizados na Praça Oswaldo Cruz. Assim, devemos destacar que a cidade está passando por uma reconstrução, estando aí, um ponto importante para se analisar. Como ficará o patrimônio cultural após estas reformas, ele será preservado? Como ficará a paisagem urbana após estas ações? Quais as medidas e ações adotadas pelos órgãos de preservação (Iphan e Condephaat) nesta reconstrução?

⁶ Mais detalhes consultar: Prado-Santos, 2006.

CREATED AND IMAGINED TERRITORIES: TOURISM AND PRESERVATION OF CULTURAL HERITAGE OF SÃO LUIZ DO PARAITINGA/SP

ABSTRACT

With the aesthetics valorization of the cities, which have been suffering some big alterations in their sociable space, making it hard to concrete some symbols and signs that are daily build there. Analyzing the process of territorial "refunctionalization" and preservation of cultural heritage of São Luiz do Paraitinga, located in Vale do Paraíba do Sul, we work on territorial organization by a cultural point of view, its symbolic dimension with material data and we are focused on tourism development.

KEYWORDS

Vale do Paraíba do Sul, Geography, Cultural Heritage, Tourism and Territorial Refunctionalism.

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Antonio Augusto. (1997) A Guerra dos Lugares. Fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano de São Paulo. In: Fortuna, C. (org.). *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Editora, pp.259-270.
- _____ (1987) Documentos Históricos, Documentos de Cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n.º 22, pp.48-55.
- _____ (1984) *Produzindo o Passado*. Estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliensis.
- AZEVEDO, Roberto Marinho. (1994) Será o novo Pelourinho um engano? *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 23, p. 131-137.
- BURKE, Peter. (2003) *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- CANDIDO, Antonio. (2003) *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. 10ª ed. - São Paulo: Duas Cidades/Editora 34.
- CANCLINI, Nestor Garcia. (1994) O patrimônio cultural e a construção do imaginário do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 23, p. 95-111.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. (2007) *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Labur edições.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. (2008) *Patrimônio Imaterial no Brasil. Legislação e Políticas Estaduais*. Brasília: UNESCO, Educarte.
- CORRÊA, Robert Lobato. (2008). Região Cultural – Um tema fundamental. In: CORRÊA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Espaço e Cultura: pluralidades temáticas. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008. pp. 11-56.

- FORTUNA, Carlos. (1997) Destradicionalização e imagem da cidade. O caso de Évora. In: Fortuna, C. (org.). *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Editora, pp.231-257.
- HARVEY, David. (2006) *A Produção Capitalista do Espaço*. 2º Ed., São Paulo: AnnaBlume.
- _____. (1998) *Condição Pós-Moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 7º ed., São Paulo: Loyola.
- HAESBAERT, Rogério. (2006) *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 2º ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (2002) *Territórios Alternativos*. Niterói: EdUFF/ São Paulo: Contexto.
- JEUDY, Henri-Pierre. (2005) *Espelhos das Cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- KING, Anthony. (1994) A arquitetura, o capital e a globalização da cultura. In: Feartherstone, Mike. *Cultura Global. Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Petrópolis-RJ: Vozes, pp. 421-437.
- LEITE, Rogério Proença. (2003) *Contra-Usos da cidade. Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracajú, SE: Editora UFS.
- MOTTA, Lia. (2000) A apropriação do patrimônio urbano: do estético-estilístico nacional ao consumo visual global. In: ARANTES, A. A. *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, pp. 256-286.
- OLIVEIRA, Francisco de. (2002) Aproximações ao Enigma: que quer dizer desenvolvimento local? In: Spink, P.; Bava, S. C. ; Paulics, V. *Novos contornos da gestão local: conceitos em construção*. São Paulo: Polis/Programa gestão Pública e Cidadania, pp. 11-31.
- PAES, Maria Tereza Duarte. (2009) Patrimônio Cultural, Turismo e Identidades Territoriais. In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztin, I. *Turismo de Base Comunitária. Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras*. Brasília: Ministério do Turismo.
- _____. (2000) Urbanização Turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: Serrano, Célia; Brunhs, H.; Paes-Luchiari, M. T. D. (orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas/SP: Papirus, pp.105-130.
- PEIXOTO, Paulo. (2003) *Centros Históricos e sustentabilidade cultural das cidades*. Texto apresentando "A cidade entre projectos e políticas". Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 30 de junho de 2003. (Disponível em: ler.letras.up.pt/ficheiros/artigos/8511).
- PETRONE, Pasquale. (1959) A região de São Luiz do Paraitinga. *Revista Brasileira de Geografia*. v. 1, n. 3, p. 3-99.
- PRADO-SANTOS, Carlos Murilo; PAES-LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. (2007) *A espetacularização do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga/SP*. Portal Vitruvius/Seção Arqtextos nº. 088, Texto Especial 441 - ISSN 1809-6298 – São Paulo. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq000/esp441.asp>
- PRADO SANTOS, Carlos Murilo. Versões e contravenções: as contradições do tombamento e a refuncionalização do Patrimônio Cultural de São Luiz do Paraitinga/SP. In: PAES, M.T.D. e OLIVEIRA, M.R.S. (Orgs.) (2009) *Geografia*,

Turismo e Patrimônio Cultural, Editora Annablume, São Paulo, SP. (ISBN - 978-85-391-0027-9)

_____ (2008) O turismo, o patrimônio cultural e o desenvolvimento local em São Luiz do Paraitinga. *INFORMATIVO DO IEV* (Instituto de Estudos Valeparaibanos), nº. 196, março de 2008. Lorena/SP.

_____ (2007) Desorganizando e Reorganizando o Território: o Turismo e o desenvolvimento Local em São Luiz do Paraitinga/SP. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural ECA/USP*, nº. 02 – ISSN 1981-5646 – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/carlos.pdf>

_____ (2006) *O reencantamento das cidades: tempo e espaço na memória do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga/SP*. Dissertação (Mestrado em Geografia – Instituto de Geociências – Unicamp) Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.

RODRIGUES, Marly. (2000) *Imagens do Passado. A instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987*. São Paulo: EdUNESP/ Imprensa Oficial do Estado/ Condephaat/ FAPESP.

SANTOS, Milton. (2002) *A natureza do espaço. Técnica, Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP.

SAQUET, Marco Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPÓSITO, E. S. (Orgs.). (2009) *Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular. pp. 73-94.

ZUKIN, Sharon. (2000) Paisagens do Século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: Arantes, A. A. *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papiрус.

_____ (1996) Paisagens pós-modernas urbanas: mapeando cultura e poder. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, nº 24, pp. 205-219, 1996.